



23jun
2017



*** Thiago Francisco Rodrigues é Zootecnista e Assessor Técnico em Pecuária Leiteira na Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA)**

Produção de leite no Brasil, a evolução não pode parar.

Por Thiago Francisco Rodrigues*

Analisando as últimas décadas sob a ótica evolutiva da pecuária de leite brasileira o cenário foi marcado por grandes transformações, afetadas principalmente pelo caráter desafiador que a atividade exige. Segundo a Associação Brasileira dos Produtores de Leite (Leite Brasil, 2003), impulsionada pela produção da década de 80, a cadeia do leite começou a ganhar novos rumos e novas formas de comercialização com a popularização do leite UHT ou longa vida. Essa evolução desobrigou o consumidor de ter que se deslocar diariamente ao mercado ou padaria para adquirir o alimento que era, e ainda é, parte fundamental do café da manhã da família brasileira. Porém, o que não se imaginava na época, era que o impacto desta praticidade sobre a cadeia produtiva do leite, transformaria as grandes redes de supermercados nos atuais ditadores comerciais.

Diante desta nova possibilidade, o setor industrial da época se animou, novas regiões do país passaram a contar com fábricas e uma logística que permitia aos produtores de diversos municípios, antes saturados pela produção local, expandirem a atividade leiteira. Traçando um novo paralelo com a realidade atual, este fato poderia explicar em partes a grande capacidade ociosa de várias plantas industriais espalhadas pelo Brasil.

Com a chegada dos anos 90, outra revolução acontece, o preço pago pelo litro de leite ao produtor, que durante 40 anos foi imposto ao mercado por um sistema de tabelamento, deixa de existir. Pego de surpresa, o produtor começa a sentir o efeito do livre comércio a partir desta década, onde a indústria dita às regras do jogo e nem sempre explica ou justifica ao elo produtivo da cadeia os critérios utilizados para sua remuneração.

Outro agravante desta época foi a abertura comercial imposta pela implantação do Mercosul, que, combinado a estabilização econômica advinda do Plano Real, favoreceu as importações de lácteos. Deste mal o setor ainda sofre, pois em anos onde os desafios para a produção são maiores, o reflexo é sentido no desestímulo a manutenção de um quadro de crescimento impactado pelas importações. A atratividade provocada por preços e câmbio favoráveis repercute no mercado interno afetando de forma negativa o balanço comercial lácteo, com o número de importações dominando as exportações, causando sérios danos à estruturação do setor produtivo nacional.

Retomando o relato da década de 90, outro marco desenhou uma parte importante da evolução da produção de leite brasileira, a coleta a granel. Migrar do latão para os tanques de resfriamento alterou toda a rotina na propriedade, possibilitando o uso de novas tecnologias e uma busca por melhorias nos índices produtivos. Aliado a esta nova realidade os atuais sistemas especializados de produção de leite tinham sua concepção sinalizada.

O crescimento médio de mais de 3% ao ano na produção de leite era maior do que o crescimento da população, que girava em torno de 1,5% ao ano. Com isso a produção percapita aumentava gerando um cenário de eventuais excessos na produção, já que os níveis de consumo da população também cresciam lentamente.

Esse contexto reforça dois fatores estruturais importantes para o setor, o primeiro relacionado a problemas ocasionados pelo baixo consumo de lácteos, o que pode interferir diretamente na produção de leite. O segundo, mesmo que se correlacione ao primeiro, tem maior impacto, pois gera situações de desequilíbrio de mercado a medida que estando o país caminhando timidamente como exportador mundial de lácteos, a absorção interna desse excedente de leite traz grande flutuação dos preços praticados, o que desestimula o produtor a investir na atividade.

Com a chegada do novo milênio, o Brasil passou a vincular de vez como um dos maiores produtores de leite no mundo. Com um crescimento médio de 3 a 4% ao ano no período de 1997 a 2014, a realidade foi desfigurada em 2015 e 2016. Nestes anos o país amargou duas quedas seguidas na produção, fruto dos altos incrementos nos custos de produção, principalmente com a alimentação concentrada, e da grande atratividade oferecida pela venda de animais para o abate, devido aos bons preços alcançados pela arroba.

A retomada do quadro de crescimento contínuo da produção de leite passará, necessariamente, por incrementos significativos no consumo, fato bastante sujeito às condições econômicas e também as oscilações no padrão alimentar do consumidor moderno. Porém, imaginando um cenário perfeito, onde essas circunstâncias estejam controladas, um aumento no consumo de produtos lácteos pelos brasileiros, que atualmente se encontra com valores próximos a 170 litros/habitante/ano, para o patamar mínimo recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que é de 200 litros/habitante/ano, a produção nacional precisará crescer desafiantes 15%, ou 5,8 bilhões de litros.

Com esse desafio lançado, o primeiro ponto a ser trabalhado deveria ser a busca pela melhoria dos índices produtivos, pois um país que ocupa o quarto lugar no ranking mundial de produção de leite e apenas o vigésimo no de produção por vaca ao longo de cada lactação, obrigatoriamente precisa rever a eficiência produtiva dos animais em seus vários sistemas produtivos adotados.

Durante vários anos, o principal ponto de atuação do produtor era o de reivindicar melhores preços ao leite produzido, que feito de forma desordenada e sem embasamento, não trouxe resultados positivos para o setor. Há uma necessidade constante de transformação dos sistemas de produção de leite de maneira a eliminar as baixas produtividades e migrar para modelos viáveis econômica e tecnicamente.

Esta transição é atrelada a vários fatores, e aqueles batizados como sendo os de dentro da porteira, são os que o produtor consegue controlar. A alimentação do rebanho, a genética dos animais, os cuidados sanitários e o manejo devem sempre ser avaliados com base em dois aspectos importantes: o equilíbrio dos componentes do sistema de produção e a definição da estratégia de investimento.

Um exemplo da combinação destes dois pontos de análise pode ser entendido quando, para um rebanho de baixa capacidade de resposta, com características genéticas incompatíveis com a atividade leiteira, a melhoria da qualidade da alimentação ofertada não traduz o investimento em leite. Apesar de se tratar de uma estratégia interessante, neste exemplo o sistema é limitado pelo perfil de animais utilizados. Neste caso o investimento em alimentação não atinge o resultado esperado, fato que compromete a obtenção do retorno financeiro e frustra produtor.

Em propriedades onde persiste o modelo de baixa produtividade, com pouca utilização de insumos, há uma limitação na capacidade de retorno econômico de qualquer atividade praticada. Nem sempre trabalhar com o menor custo possível é vantajoso, em situações onde o custo por litro é baixo, contudo sem escala de produção satisfatória, o retrato que se tira da atividade é o de lucro alto por litro, mas com sérios problemas de caixa por inexpressividade de volume de leite produzido ao longo do ano.

A melhoria e a incorporação de tecnologias nos sistemas produtivos trazem a possibilidade do produtor alcançar índices econômicos satisfatórios balizados não só no crescimento de volume produzido, mas também pela estruturação da propriedade e no rígido controle de seus indicadores zootécnicos. Porém para que isso aconteça o uso de ferramentas de monitoramento para avaliação e análise do que mudar deve ser realizado pelo produtor que precisa buscar também, uma boa assistência técnica.

De maneira geral, os produtores de leite no Brasil estão abertos ao uso de tecnologia e tem acesso a esta de forma relativamente instantânea graças à presença de várias multinacionais do setor em território nacional. Por este ponto de vista, o que causa preocupação é a mina de ouro que o produtor acaba acumulando em forma de estoque de capital. Casos onde o alto valor empatado em animais, máquinas, benfeitorias e terra, contrastam com um apertado giro de capital advindo da baixa produção de leite mensal, limitam a atratividade do negócio e sob esta perspectiva a situação deve ser encarada pelos produtores como um estímulo a melhoria de seus índices produtivos.

A reversão deste quadro timidamente já pode ser observada hoje nos grandes projetos de produção de leite que estão surgindo no país. Com um cenário de preços pagos pelo litro de leite operando em patamares internacionais, a atratividade do negocio leite chama a atenção de investidores. Modelos altamente tecnificados, com baixa dependência de mão de obra contratada e com alta escala produtiva vem se tornando uma realidade.

Mas engana-se aquele que por ventura desenha este modelo como sendo o futuro da produção de leite no Brasil. Grandes projetos e pequenos produtores intitulados de familiares ainda irão coexistir por um bom tempo. Como fomentar uma atividade que abrange várias realidades diferentes? É nesta suposição que se encontram os maiores desafios a serem trabalhados por técnicos, produtores, órgãos oficiais e de pesquisa. 🌱